

tário. Todas essas pequenas vilas, que formam o imenso município de São Gabriel da Cachoeira, terão suas pistas de pouso ampliadas, receberão antenas parabólicas e grupos geradores, postos de venda da Cobal, escolas, ambulatórios e postos da Receita Federal e Polícia Federal. Instala-

tório nacional, reservado às empresas de mineração: "O pessoal brasileiro está indo para o garimpo de Maimate na Colômbia". Como Elton Rohnelt, Raimundo Pereira também estima em 300 os brasileiros com o M-19. E acrescenta a informação de que muitos reservistas que serviram em Cucui estão entre eles.

São Gabriel da Cachoeira (AM) — Foto de Chiquito Chaves



Quirino quer abrir o garimpo para a população de São Gabriel

Em São Gabriel o que reluz é mica

São Gabriel da Cachoeira é linda e ilusória como a mulher de pedra que lhe serve de símbolo, a Bela Adormecida: cabelo, nariz, seios e pés de granito dominando rio e floresta. Não há cachoeiras, mas traiçoeiras corredeiras, que fazem da navegação pelo rio Negro uma arte e um desafio muitas vezes mortal.

O dourado que cintila nas praias de areia branca, onde o sol transforma a água negra, que reflete o azul do céu, num marrom avermelhado, é apenas mica. O ouro, que rola dos grandes garimpos às margens dos afluentes do Içana e do Uapés, caudatários do Negro, está mais embaixo.

Em alguns lugares, como nas praias da cidade, pode ser encontrado a 50 centímetros uma ou duas gramas, num dia de sorte, após horas e horas de trabalho com a cuia e bateia. Em outros, como na serra do Traíra, ao sul do município, ou na serra do Caparro, ao norte, são centenas de gramas, generosas pepitas ou toneladas de ouro primário encravado na rocha.

A calma também é aparente: a minúscula cadeia de São Gabriel está lotada. Numa das celas, está João Batista Vidal, um paulista baixo e forte, que matou a golpes de peixeira um sargento reformado da Polícia Militar, dentro do mesmo salão de sinuca. No depoimento que prestou à juíza da cidade, Alzira Ewerton, João Batista disse que veio do Amapá para São Gabriel incentivado pelas notícias de muito ouro e na esperança de não ser mais empregado. Em pouco tempo, gastou os Cz\$ 58 mil que tinha de reserva. Sem ter o que fazer, foi provocado, perdeu o controle e matou.

Para a juíza, é mais uma manifestação da tensão latente de uma população que vive sobre o ouro mas é legalmente impedida de explorá-lo. O resultado da violência acaba em suas mãos. Em março de 1985, o Traíra foi invadido por garimpeiros. A Paranapanema empresa detentora do alvará de pesquisa concedido pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, reagiu a altura. Os garimpeiros foram detidos, jogados em aviões,

mento de um deles, e desembarcados no Acre. Em outubro do ano passado, nova invasão, desta vez no Caparros. Nova ação das milícias privadas em combinação com a Polícia Militar. Alguns garimpeiros garantem que tiveram que sapatear com uma tora nas costas ao som dos tiros de metralhadoras, antes de serem desembarcados em São Gabriel.

"Num trabalho mais social que jurídico, já que a questão é da espera da Justiça militar", a doutora, como é chamada na cidade, negociou um acordo com a Paranapanema e se livrou de uma enorme quantidade de problemas que diariamente, pela manhã, os garimpeiros levavam à porta de sua casa: Cz\$ 5 mil para cada garimpeiro, que aceitasse deixar a cidade ganhou "como contribuição da empresa à Justiça para resolver um problema social"; passagem de avião, grátis, para qualquer ponto do país, para cada um deles; pagamento de 50% dos débitos dos garimpeiros com o pequeno comércio fornecedor de refeições; de 10% a 20% dos débitos com o comércio fornecedor de mantimentos e utensílios, considerando que eles estavam estimulando uma atividade ilegal. Só viajou quem quis, segundo a juíza. O acordo com a Paranapanema incluiu também a localização e o recambiamento de todos os garimpeiros retirados do Traíra. No total, a empresa gastou cerca de Cz\$ 500 mil e, evidentemente, ninguém ficou satisfeito.

A insatisfação popular foi manifestada nas urnas. São Gabriel da Cachoeira foi o único município onde Amazonino, o candidato eleito do governador Gilberto Mestrinho, foi fragorosamente derrotado: 900 a 2.000. O prefeito, Raimundo Quirino, cearense, 42 anos, há 24 em São Gabriel, prefere as empresas porque acha que garimpeiro é sinônimo de faroeste, confusão. Mas não se conforma que Brasília tenha atropelado os poderes estadual e municipal e liberado as áreas à exploração. A derrota eleitoral o atinge em cheio e ele concorda com a população, que se sente roubada por não poder garimpar na terra onde nasceu. Vai a Brasília ver se libera uma área para

A louca viagem em busca do Eldorado

Grças aos alvarás de pesquisa fornecidos pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, duas empresas, Paranapanema e Goldmazon, são as virtuais proprietárias da Cabeça do Cão, a vasta terra de ninguém que é o noroeste do estado do Amazonas, na fronteira com a Colômbia.

É inútil tentar obter informações na Paranapanema em Manaus. O coronel Dornelles, responsável pelo escritório da empresa, diz que só a diretoria em São Paulo está autorizada a receber a imprensa. Em compensação, apresenta Elton Rohnelt, dono da Goldmazon, "com 15 anos de experiência no Alto Rio Negro", capaz de revelar todos os mistérios desta terra onde se misturam ouro, cocaína, contrabando, índios e guerrilheiros.

Altó, corpulento, 45 anos, gaúcho de São Lourenço do Sul, Elton é o personagem perfeito de um filme de aventuras. Paraquedista no Rio de Janeiro, mercenário no Oriente Médio, campeão em competições automobilísticas; comandante de um verdadeiro exército particular, tem trânsito livre no governo do estado e no Comando Militar da Amazônia, onde entra sem se identificar, graças a duas palavrinhas mágicas que, da janela do carro, diz com voz de comando para o sentinela: "S-2".

"Estava procurando o Eldorado e achei", afirma, referindo-se às reservas de ouro da serra do Caparro, na orelha da Cabeça do Cão, cujos alvarás de pesquisa negociou na base do royalty com a Paranapanem. A grossa corrente de ouro no pulso, outra no pescoço na qual está pendurada uma pepita e uma terceira que sustenta um enorme crucifixo sugerem que descobriu mesmo.

Se é possível ir até lá? "Claro, vamos no meu avião até São Gabriel, mas é preciso esperar o helicóptero para poder chegar até a serra".

Elton afirma ter "quebrado um tabu" ao entrar na Cabeça do Cão, onde o "bispo era imperador", o direito dos brasileiros de ir e vir era cerceado e os índios que viviam na fronteira eram proibidos de chegar até São Gabriel. Como resultado, diz, os índios eram abastecidos pelos dons colombianos e falam mais o espanhol que o português. Ele se gaba de ter recuperado esta região para o Brasil e de hoje garantir com seus homens na área a segurança nacional, mesmo frente ao M-19.

"O Calha Norte está atrasado, é o melhor projeto que se fez nos últimos 25 anos na Amazônia. Temos que ocupar a área. Não se pode misturar segurança nacional com ideologia". Acha Elton que a vocação mineral é a mais visível na região, que só agora, com a descoberta do ouro, começa a ser ocupada. Defende a atuação das empresas, únicas capazes de promover uma "colonização organizada". "Garimpeiro não respeita fronteira", afirma.

A caminho

A viagem à serra do Caparro com os guerreiros da Goldmazon é uma louca aventura inacabada. O velho Beechcraft decola do Aeroporto Eduardo Gomes, em Manaus, pelas mãos seguras do comandante Rogério Maconha, 58 anos, certamente o mais folclórico e experiente piloto da Amazônia, que todos garantem nunca ter fumado nada. Leva nove pessoas a bordo e uma quantidade inacreditável de carga, cujo peso o comandante Rogério calcula no olho: "Pode botar mais, tudo pra frente que é pra não desequilibrar o avião".

O helicóptero, que depois de dois dias de atraso finalmente "chegou de São Paulo", segue na frente, porque, no último instante, todos acomodados a bordo, o rádio do avião teima em não funcionar. Pelo adiantado da hora será preciso fazer uma escala em Barcelos. No assento do co-piloto, Elton vai pesquisando o curso sinuoso do rio Negro em busca das pistas alternativas onde o helicóptero teria pousado em caso de pane. É um Hughes, propriedade de um jovem de 23 anos, que trocou São Paulo pela aventura do ouro. Junto com ele está Kuriaque, um piloto experiente, mas que também não conhece a região.

O helicóptero está parado no aeroporto de Barcelos: "Pane no rotor", informa Tônico, o jovem piloto. Vai ser preciso trazer as peças de São Paulo: "Hoje é sábado, talvez com sorte elas estejam aqui na terça-feira".

Na decolagem do velho Beech de Barcelos, novo problema: vazamento de combustível no tanque direito. É preciso esvaziá-lo um pouco. De Barcelos a São Gabriel, cerca de duas horas de voo. A chegada em São Gabriel é anunciada à cidade com ousado rasanete na beira da praia. Uma sirene

dispara no avião indicando que o trem de pouso não foi baixado.

Depois 10 dias em São Gabriel, à espera do helicóptero que deveria ser consertado em Barcelos, assistir ao rasanete do comandante Rogério, agora com os pés no chão, é uma alegria. "O mecânico já está em Barcelos, amanhã o helicóptero está aqui" — garante Elton: "Amazônia é assim mesmo, é guerra".

Dois dias depois da infrutífera espera, o Beech decola para Assunção do Içana. O helicóptero está definitivamente detido em Barcelos, pois o mecânico constatou que "o problema não era exatamente no rotor, mas numa das palhetas". O avião agora está mais leve. Além de Rogério e de Elton, ambos envergando um vistoso uniforme camuflado de guerra na selva, só mais quatro pessoas e pouca carga. Biscuí, o mecânico que há anos acompanha Rogério Maconha, está atento a um barulho diferente no motor direito. Faz uma de suas gracinhas preferidas: "Atenção cambada, se o mecânico passar correndo, pode pular que esta droga vai cair."

As freiras recebem a cambada com todo o carinho: refresco e salada de frutas. Daí até Tunuí, onde está a base da Goldmazon, na barca Canutama, são seis horas e meia de voadeira — um barco de alumínio com motor de popa. A saída é feita às 5 da tarde. Às 8h30min, cai a noite sobre o rio Içana. Chico, que comanda o motor de popa, não parece se importar. Conhece o Rio melhor que a palma de sua mão e consegue ultrapassar as corredeiras no escuro, como por encanto, com uma ou duas piscadas de lanterna para se orientar.

O aviso da chegada a Tunuí é feito com dois tiros para o ar. Alvorço na barca Canutama. Barulho ensurdecedor para quem passou seis horas e meia de silêncio: o gerador diesel entra em funcionamento. O Içana se ilumina. É quase meia-noite.

No dia seguinte, uma conversa rápida com o capitão-geral dos baniwas, uma visita à pista de pouso que a Aeronáutica está construindo com a verba da Funai e a uma das aldeias dos baniwas. Fim de viagem. "Vamos contratar outro helicóptero. Aqui quem tem um não tem nenhum", diz Elton. Que fazer? É guerra.

Chico, milhares de anos em 28

Francisco Apolinário nasceu numa aldeia da pré-história, foi educado sob os preceitos da reforma luterana e agora luta pela vida numa selva eletrônica, salpicada de antenas parabólicas, grupos geradores diesel, aparelhos de televisão e poderosos homens brancos que procuram ouro com aviões, helicópteros e radiotransmissores. Com seus 28 anos, percorreu todo o universo econômico-cultural que a humanidade levou milhares de séculos para construir.

Chico Apolinário é o capitão-geral dos índios baniwas, que habitam as margens do Içana, um afluente do rio Negro, caminho natural para as ricas reservas minerais do Caparro. Usa sapato de couro, calça de tergal, camisa pólo e relógio importado. Fala o baniwa, um pouco da língua geral do tronco tupi e melhor o espanhol que o português, porque conviveu mais com os comerciantes e os dom da máfia colombiana e os guerrilheiros do M-19, do que com os brasileiros que chegaram atrasados em busca de ouro, do nióbio e do urânio: "Quem ajuda nós pra cá mais é Colômbia. M-19 são cara legal pra índio."

Quando Chico nasceu ainda havia pajés e os baniwa com suas zarabatanas eram os poderosos senhores dos venenos. Dominavam os segredos do curare, uma combinação para cada tipo de morte. Mas Chico não se lembra de nada disso. Só sabe que

Tunuí (AM) — Foto de Chiquito Chaves



Chico Apolinário, um capitão-geral para negociar com os brancos

uma missionária americana, vinda da Colômbia, converteu seu pai à igreja Batista. Nem ele nem o pai, Laureano, conseguem contar como era antes. Falam vagamente em guerras e festas que acabaram, nada mais. Sofia, a missionária, fez um trabalho brilhante.

Até bem pouco tempo, quando os missionários norte-americanos das Novas Tribos ainda faziam a cabeça dos baniwas, um capitão (chefe) por

tribo era suficiente. A corrida do ouro mudou as coisas: agora, há um capitão-geral. "Nós fazemos como o branco: tem que ter capitão para defender terra dele, terra de nós." Chico está defendendo mais do que a terra. É ele quem administra o acordo que permite aos baniwas garimparem onde o governo concedeu alvará de pesquisa a empresas mineradoras. Hoje, seu espelho são os guerreiros de Goldmazon.